Pedagogias críticas sem redencionismo

Os resultados concretos da educação escolar, entendidos através da experiência da relação pedagógica entre professores e alunos, não podem ser reduzidos a termos absolutos e universais de falência completa ou sucesso total. Educadores orientados pelos objetivos de justiça educacional e social são o contrário dos todo-poderosos 'professores-heróis' ou dos 'superprofessores conscientes críticos', que sabem tudo, podem tudo e de nada reclamam.

Embora seja impossível quantificar ou mesmo qualificar a influência das *pedagogias críticas*, seria difícil negar que, como movimento coletivo, ela produziu uma das mais dinâmicas e polêmicas escolas de pensamento educativo do século XX. Entretanto, é igualmente difícil negar que nos cursos de formação docente muitos/as estudantes reagem às propostas das *pedagogias críticas* com grande ceticismo e desespero.

Em nossa experiência, muitas destas reações de resistência estão relacionadas não tanto aos ideais de transformação, equidade, igualdade e de direitos democráticos das *pedagogias críticas*, mas na apresentação – nem sempre consciente – desses ideais dentro de estruturas *narrativas redentoras*. Nessa perspectiva redentora se argumenta a favor das mudanças de maneira quase esquizofrênica, na medida em que as escolas, tal como estão *agora*, são "péssimas" porque estão sujeitas a condições quase monstruosas. Essas condições, embora ruins, poderiam vir a ser "muito melhores" a partir de processos de conscientização. A transformação do presente infame para um futuro promissor é possível através da figura do grande herói pedagógico: o/a superprofessor/a.

As *narrativas redentoras* funcionam quando um professor individual supera todos os fracassos sistêmicos através da força tênue de sua consciência e de seus feitos heróicos e "orgânicos". Uma das principais tarefas dos superprofessores é resgatar os futuros professores das garras malvadas das esperanças ingênuas, das armadilhas do neoliberalismo, do sexismo, do racismo e de tantas outras dinâmicas opressoras. Quando outros seguem o superprofessor, a sala de aula, ou a escola como um sistema mais amplo, são resgatadas. Esse processo segue a tradição dos relatos bíblicos, com a conhecida seqüência de pecado-crise-fracasso-trauma e finaliza com os mitos arquetípicos de redenção-absolvição-sucesso-recuperação. Se reconhecida e aceita, a visão redentora irá, após a derrota do inimigo, criar a escola ideal, na qual o professor perfeito e o aluno modelo irão aprender em harmonia, separados do caos do sistema educacional e social circundante.

Nos cursos de formação docente, a narrativa redentora articula as intensas e ácidas críticas usadas para denunciar as escolas "realmente existentes", que, de maneira dualista, são responsabilizadas por quase todos os problemas e, simultaneamente, são o último espaço da esperança de melhora social. Nessa junção crítica do imaginário sobre os professores, estes se tornam os criadores de presentes terríveis e de futuros esperançosos.

Além disso, a narrativa redentora também contribui para a supervalorização de posições pessimistas como símbolo de uma suposta atitude crítica. Para muitos educadores, há um sentimento de que as *pedagogias críticas* podem ser um empreendimento autoderrotado, em parte decorrente de suas "hipóteses racionalistas" e das dificuldades em analisar desequilíbrios de poder entre pedagogos críticos e seus alunos. A crítica às escolas públicas e aos nossos próprios papéis como educadores é essencial, mas ela pode se tornar debilitante, acreditamos, se for fundamentada por uma visão de esperança estruturada como uma narrativa redentora.

Uma característica notável das narrativas redentoras é a apresentação normativa dos conflitos e lutas como expressões de esperança, em conexão com a mudança educacional e social. Ainda assim, apenas dentro da mitologia redentora de professores e alunos heróicos é possível encontrar "esperança" inerente às lutas contra o racismo, a pobreza, a discriminação e outros conflitos, porque para tal é preciso sempre minimizar ou ignorar os riscos da vida real e o sofrimento associado a estas lutas.

Não vemos "conexão natural" entre luta e esperança ou mesmo entre escolaridade e esperança. Nossa posição é reconhecer que os conflitos e as lutas fazem parte da vida diária das escolas e sociedades – às vezes explícitos e claros, às vezes implícitos e confusos –, mas sempre ancorados em formas complexas e expressando uma múltipla dinâmica de classe, raça, sexualidade, linguagem e etnia, além de outras. É pelo entendimento de que os conflitos educacionais são inevitáveis que as *pedagogias críticas* "devem falar de esperança, desde que isto não signifique suprimir a natureza do perigo" [Raymond Williams, «Resources of hope»].

O que desejamos afirmar é que os resultados concretos da educação escolar, entendidos através da experiência da relação pedagógica entre professores e alunos, não podem ser reduzidos a termos absolutos e universais de falência completa ou sucesso total. Para inúmeros professores, o acesso aos resultados de nossas intervenções pedagógicas é limitado pelas relações conflituosas e pelos modos através dos quais cada um de nós, como membros de grupos sociais múltiplos e específicos, reconhece, percebe, acredita e age sobre realidades complexas e contraditórias. Essa "irredutibilidade vivida" da maioria dos processos educacionais confronta professores e alunos com tensões inevitáveis. Educadores orientados pelos objetivos de justiça educacional e social são o contrário dos todo-poderosos "professores-heróis" ou dos "superprofessores conscientes críticos", que sabem tudo, podem tudo, e de nada reclamam.

Ter esperanças em um futuro melhor e mais justo para nossas escolas e sociedades não é uma atitude problemática *per se*. Entretanto, noções de esperança que se estruturam em uma narrativa redentora e de

heroísmo individual do superprofessor é uma esperança sem efeito. Nossas salas de aula devem oferecer não apenas uma análise teórica consistente, fundamentada por ideais críticos de justiça e democracia, mas também valorizar concretamente e reconhecer a importância das experiências vividas por nossos alunos, inclusive quando as suas esperanças são o resultado das contradições do sistema que gostaríamos de mudar.

Gustavo E. Fischman
Sandra Regina Sales